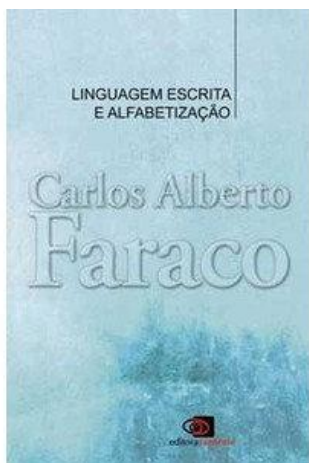


FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem, escrita e alfabetização**. 1^o Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016. 192p.

Carolina Coelho Aragon (UCB)



Linguagem, escrita e alfabetização, obra do professor Carlos Alberto Faraco, traz os resultados e reflexões de anos de experiências sobre o processo de alfabetização e os procedimentos metodológicos empregados nas práticas pedagógicas para ensinar leitura e escrita nas escolas Municipais de Curitiba. Em sua obra, o autor procura responder questões como: Qual método de alfabetização tem sido utilizado no Brasil? Como letrar as crianças desde o início da alfabetização, e para quê? Como fazer com que o aluno compreenda o sistema gráfico do português do Brasil? Como fazer com que o alfabetizador organize com autonomia as suas atividades didático-pedagógicas, interpretando as dificuldades ortográficas de seus alunos? Em busca dessas respostas, o autor elaborou esse livro - com base no conteúdo ampliado e revisado de sua outra obra intitulada *Escrita e Alfabetização*, publicada em 1992 - para servir de ferramenta para docentes e discentes que estão interessados em saber como os conceitos teóricos da linguística e as novas propostas pedagógicas poderão auxiliar no ensino da escrita na Escola.

Carlos Alberto Faraco é mestre em Linguística pela Unicamp e doutor em Linguística Românica pela Salford University. Foi professor titular de língua portuguesa pela Universidade Federal do Paraná e reitor da mesma Universidade. Atua nos temas: Bakhtin, discurso, dialogismo, ensino de português e linguística, história do pensamento linguístico.

O livro é organizado em oito capítulos, além da apresentação e das considerações finais. Ao tomar como referência o conteúdo de cada capítulo, podemos dividir o livro em duas grandes partes: os capítulos um, dois, três e quatro trazem os aspectos introdutórios e históricos da escrita e da ortografia, enquanto que os capítulos quinto,

sexto e sétimo focam no sistema gráfico da língua portuguesa, sendo o oitavo uma síntese das informações contidas no sexto e sétimo capítulos.

Na apresentação, o autor mostra a história que envolveu a criação do livro. Ao fazer parte do projeto com professores da rede municipal de Curitiba e compreender os diversos desafios enfrentados pelos docentes em sala de aula, fica claro para o autor a grande problemática enfrentada pelos educadores quanto aos aspectos diferenciadores entre a expressão oral e escrita no processo de alfabetização. Com isso, metodologias e técnicas didático-pedagógicas foram surgindo ao longo dos anos do projeto. Nasceu, assim, a necessidade em criar manuais, apostilas e ferramentas com linguagem não técnica, contendo informações sobre o sistema gráfico da língua portuguesa.

O capítulo 01, "Reflexões sobre a linguagem", apresenta as características principais da linguagem, principalmente da verbal, como uma marca intrínseca da humanidade, diferenciando-se assim da linguagem dos outros animais. Aborda a aquisição da linguagem, discutindo o caráter inato da mesma, o seu aspecto cognitivo, bem como o caráter sociointeracional como um fator relevante na vida das crianças. Discute ainda a origem da linguagem, descrevendo teorias que norteiam essa questão. Apresenta a estrutura e o funcionamento da língua, abrindo espaços para reflexão sobre: os sons que produzimos, como organizamos as frases e sentenças e os significados envolvidos na enunciação.

O autor pontua que nenhuma língua é uma estrutura homogênea e uniforme, ou seja, há variações de uma mesma língua. Assim, não há dois ou mais falantes que falam e escrevam da mesma forma. O autor mostra também a importância das variações linguísticas que existem na fala dos sujeitos e como essa variação tende a ser unificada na escrita.

No capítulo 02, "Breve história do meio de expressão escrita", Faraco visa descrever os sistemas de escrita, passando pela escrita cuneiforme até a criação da escrita alfabética. Assinala a relevância em compreender a fonética e fonologia para a utilização da escrita alfabética: "os criadores da escrita alfabética tiveram essa fina percepção que nem toda diferença fônica é relevante e, conseqüentemente, as letras poderiam remeter não a sons da fala, mas a unidades sonoras abstratas" (p.56). Aponta, assim, as diversas formas de escrita observadas tanto na história da humanidade quanto atualmente. O autor prossegue sua reflexão questionando os impactos da escrita na cultura da humanidade. Mostra a relação da escrita com a alfabetização e o letramento, e ressalta que, mesmo

após o domínio do alfabeto, o aluno deve continuar a ter experiências sociocognitivas de letramento, familiarizando-se com diferentes gêneros textuais.

Com o advento da escrita, novos ramos de estudos desenvolveram-se, a citar: a filologia, a gramática e a linguística. O autor descreve a diferença entre essas três áreas: "o linguista se interessa por todo e qualquer fenômeno linguístico, o filólogo só se interessa pelos textos escritos canônicos; e o gramático só se interessa pela chamada norma culta" (p. 71) e ainda pontua que "[...] enquanto o filólogo e o gramático dirigem seu foco de atenção para a língua escrita, o linguista dá prioridade aos fenômenos da língua falada" (ibid).

O capítulo 03, "Escrita e escola", conhecemos o percurso histórico da educação linguística e, em seguida, o autor apresenta a situação da educação no Brasil. Prossegue afirmando que o número de crianças e adolescentes no Brasil, que hoje são letrados, é muito baixo e que não tem ocorrido evolução quanto a esse aspecto. Argumenta, deste modo, que hoje em dia não basta apenas letrar o aluno para o livro, pois estamos vivendo uma revolução tecnológica. Mostra ainda que "é mais que evidente que terminou o ciclo de 500 anos do domínio exclusivo e soberano da mídia impressa" (p.82), ou seja, "mergulhar na cultura letrada implica hoje aprender a transitar por vários suportes tecnológicos simultaneamente" (p.83). Salienta que ao falar de cultura letrada devemos entender a complexa rede de práticas cognitivas, saberes e práticas sociais que estão diretamente ou indiretamente ligadas à escrita e leitura, e, para isso, deve-se ultrapassar a concepção de que o professor é o único responsável pela tarefa de letrar. Porém, o autor mostra que a escola está longe de atuar numa esfera de educação transdisciplinar, devido a sua forte ligação com o conteúdo, como no caso do ensino da língua portuguesa, o qual está ainda muito ligado a "um saber gramatical rarefeito e perpassado de um normativismo anacrônico e estéril; e em repassar um saber enciclopédico sobre autores, obras e "escolas" literárias" (p.87).

Em seguida, o autor estabelece soluções para essa problemática, mostrando que é preciso deixar que o aluno amadureça suas práticas de oralidade em suas dimensões sociais, históricas e estruturais, trabalhando a norma culta como um fator de inclusão sociocultural dos cidadãos. Para isso, é necessário que todos os professores tenham também a garantia do letramento e que é também preciso reestruturar a formação geral dos professores e repensar as práticas escolares.

O capítulo 04, "A ortografia do português: breve histórico", faz um percurso da evolução da ortografia desde o período Medieval até o século XX, finalizando com o

acordo ortográfico de 1990. Conclui que "a ortografia não é apenas uma questão técnica e que possa ser discutida em abstrato. Nela se emaranham costumes, valores identitários, disposições políticas, preferências de certos momentos históricos, além, claro, de referências ao sistema fonológico da língua " (p.119). Assim, o sistema ortográfico da língua portuguesa traz tanto elementos compreendidos pela fonologia como também elementos que estão arraigados a uma "memória etimológica" (p.119), memória essa que é carregada de história e origens gráficas que vão além da compreensão fonética e fonológica.

O capítulo 05, intitulado "Características do sistema gráfico do Português", descreve os principais aspectos da organização do sistema gráfico brasileiro, salientando os princípios estruturadores desse sistema, descrevendo-o e fornecendo os subsídios para sistematizar o ensino da escrita nas escolas. Descreve assim, duas situações que envolvem o sistema gráfico: 1) aquele em que o aluno deve memorizar a forma gráfica, e 2) o outro em que a grafia representa a relação unidade fonema (unidade sonora) e grafema (letra), o que não quer dizer, necessariamente, que há uma relação direta com a pronúncia, pois sabemos que há muitas formas de pronunciar uma mesma palavra - mesmo havendo uma única forma de grafá-la. Aponta, assim, duas relações para o sistema gráfico: a) a relação biunívoca, em que o fonema estará em consonância com o grafema, e b) a relação cruzada, em que um fonema possuirá mais de uma representação gráfica, ou um grafema possuirá mais de uma representação fonológica.

No capítulo 06, "Representação das consoantes", o autor descreve como funciona a relação biunívoca e cruzada para todas as consoantes do sistema gráfico, estabelecendo sempre que possível a relação dessas representações com as variações linguísticas existentes. Mostra, assim, o sistema gráfico e suas relações com as unidades sonoras em quadros organizados com clareza visual e teórica. O autor ainda discute as relações que podem ser totalmente/parcialmente previsíveis, ou totalmente/parcialmente arbitrarias.

Por sua vez, o capítulo 07, "Representação das vogais e dos ditongos", observamos as relações biunívocas e cruzadas para o sistema vocálico da língua portuguesa. O autor também as descreve em quadros, apresentando a discussão embasada em muitos exemplos na língua portuguesa.

Por fim, o último capítulo, "Quadro síntese", apresenta de forma resumida as informações discutidas tanto no capítulo 6 quanto no capítulo 7. Há também quadros com exemplos e, sempre que necessário, observações são inseridas após cada quadro.

Discute ao final do capítulo a inserção e classificação das letras *k*, *y* e *w* no sistema gráfico da língua portuguesa.

Em suas considerações finais, o autor propõe ideias para serem levadas para a sala de aula quanto à sistematização da grafia e aponta a relevância em olhar para os "erros" ortográficos dos alunos como algo previsível, o qual decorre "das próprias característica do sistema gráfico da língua e da hipótese que correlações uniformes e biunívocas entre letras e unidades sonoras, entre oralidade e escrita" (p.182). Argumenta que cabe ao professor, a Escola, criar estratégias e técnicas que possam superar, ao longo dos anos escolares, as dificuldades que envolvem o uso do sistema gráfico, num contínuo processo de aprendizagem em que o aluno precisa estar imerso em práticas socioculturais vinculadas ao exercício da escrita.

Deste modo, esse livro é recomendado para alunos e professores que irão atuar no processo de alfabetização ou que pretendem compreender um pouco mais sobre a escrita e seu processo de aprendizagem, bem como seus impactos para/na evolução da humanidade e dos seus sujeitos como participantes ativos da história e da sociedade que vivem. Essa obra trabalha com instrumentos teóricos de uma forma clara para todos os que gostariam de conhecer mais sobre o processo da alfabetização e da escrita, como também suas relações com as áreas da fonética, fonologia e sociolinguística. O autor expõe pontos já bastante discutidos entre os educadores e profissionais da área, porém traz também novas reflexões, novas propostas de projetos educacionais, que nos mostram os problemas que ainda perpetuam o ensino, como também novas soluções para serem levadas para o aluno, para o professor, e para o sujeito/cidadão.

Carolina Aragon possui mestrado em Linguística pela Universidade de Brasília e doutorado em Linguística pela Universidade do Havaí. Atualmente é professora da Universidade Católica de Brasília. Tem experiência na área de documentação e descrição de línguas, com foco em línguas indígenas. Atua, principalmente, nas áreas de: fonética, fonologia, morfossintaxe, etnolinguística, livro didático e ensino de português como segunda língua. (carolina.aragon@ucb.br).